

# COMUNIDADES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM: HABITANTES, VISITANTES E TRANSEUNTES

**05/2008**

**Suely Scherer**

Centro Universitário de Jaraguá do Sul - UNERJ  
susche@gmail.com

**Categoria B – Conteúdos e Habilidades**

**Setor Educacional 3 – Educação Universitária**

**Natureza A – Relatório de Pesquisa**

**Classe 1 – Investigação Científica**

## **RESUMO**

*O presente artigo discute e identifica atitudes e ações de professores e alunos que favorecem aprendizagens e comunicações em ambientes virtuais, com o objetivo de constituir comunidades virtuais de aprendizagem em processos de educação a distância. O estudo foi desenvolvido a partir da análise de vários ambientes de aprendizagem de EaD, e fundamenta-se na ação comunicativa de Habermas e na educação libertadora de Paulo Freire. No artigo são caracterizados, nas atitudes e ações de alunos e professores, os movimentos de habitantes, visitantes e transeuntes de ambientes virtuais de aprendizagem. Na formação de comunidades de aprendizagem discute-se também a importância da ação comunicativa, comunicação que acontece entre dois ou mais sujeitos em torno de um objeto em estudo.*

*Palavras Chave: comunidades de aprendizagem; comunicação; atitude*

### **1 – Introduzindo: habitantes, visitantes e transeuntes**

Os ambientes virtuais de aprendizagem são um lócus para a constituição de comunidades virtuais de aprendizagem.

Uma comunidade virtual é construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais. (LÉVY, 2000, p.127)

Em uma Educação Bimodal, a possibilidade de criarmos comunidades é importante no sentido de estabelecer-se uma relação de aprendizagem continuada entre os participantes. A comunicação que se estabelece em comunidades virtuais não substitui os encontros presenciais, mas abre novas possibilidades, sendo um complemento a estes. Assim, a constituição de comunidades virtuais de aprendizagem não promove o abandono dos espaços presenciais, uma vez que, possuindo estéticas diferentes, pode-se, ao habitar o ambiente virtual melhor habitar o espaço presencial e vice-versa.

Uma comunidade virtual, devido aos movimentos e recursos tecnológicos de que dispõe, pode contribuir para a formação de um sujeito mais colaborativo e cooperativo, pois em um ambiente virtual de aprendizagem, dificilmente estamos ou queremos estar sozinhos. É um espaço propício para a vida em comunidade, para o processo de comunicação de muitos para muitos, sem fronteiras, sem isolamentos; um espaço democrático, onde todos podem participar igualmente dos debates, das produções, das atividades. Mas, “longe de fundir as inteligências individuais em uma espécie de magna indistinto, a inteligência coletiva é um processo de crescimento, de diferenciação e de retomada recíproca das singularidades” (LÉVY, 1999, p.32).

Ao participar de uma comunidade virtual, se vive junto e não sozinho, tendo sempre a possibilidade de recorrer a alguém, independente de tempo, para pedir informações ou para recebê-las, para comunicar, para informar, para se divertir, para refletir, para aprender. É preciso, entretanto, habitar, ser parte da comunidade, não apenas ser visitante ou transeunte, fazendo zapping – passeando para descobrir informações ao acaso, sem objetivo -, pois quem habita é responsável pelo ambiente e pelo grupo, participa, é leitor atento, questiona, propõe, cria coletivamente e individualmente, de forma responsável e comprometida, isto é, aprende.

Assim, a partir de estudos desenvolvidos em minha pesquisa de doutorado (SCHERER, 2005), caracterizo a participação de alunos e professores, em ambientes de aprendizagem presenciais ou virtuais em: habitantes, visitantes e transeuntes. Os *habitantes* são aqueles que se responsabilizam pelas suas ações e pelas dos parceiros, buscando o entendimento mútuo, a ação comunicativa, o questionamento reconstrutivo; o habitante está sempre sendo parte (sentido dinâmico) do ambiente. Portanto, o encontramos sempre no ambiente, pois ele também vive lá, observando, falando, silenciando, postando mensagens, refletindo, questionando, produzindo, sugerindo, contribuindo com a história do ambiente, do grupo e dele. O habitante de ambientes de aprendizagem, assim como do mundo, não apenas vive nos ambientes, existe neles.

Existir ultrapassa viver porque é mais do que estar no mundo. É estar nele e com ele. E essa capacidade ou possibilidade de ligação comunicativa do existente com o mundo objetivo, contida na própria etimologia da palavra, que incorpora ao existir o sentido de criticidade

que não há no simples viver. Transcender, discernir, dialogar (comunicar e participar) são exclusividades do existir. O existir é individual, contudo só se realiza em relação com outros existires. (FREIRE, 2001, p.48-49)

Além dos habitantes de ambientes, considero que temos *os visitantes*, que são aqueles alunos(as) e professores(as) que participam do ambiente de aprendizagem com a intenção de visitar. Quando visitamos um ambiente, o fazemos impelidos por algum dever, por afeto ou por amizade. A ação livre para participar nem sempre está presente, lembrando que a palavra visitar vem do latim que visitare, iterativo de videre, ver. As visitantes participaram apenas para observar o que estava acontecendo, sem se co-responsabilizar com o ambiente, com o outro, ou com a produção coletiva. Alguns deles chegam a colaborar, mas sem chegar a cooperar com o grupo, pois são parte (sentido estático, momentâneo), algumas vezes, do ambiente, não estão sendo parte do ambiente continuamente, eles não habitam o lugar, o conteúdo, pois são visitantes.

Além de habitantes e visitantes, temos os transeuntes. *Os transeuntes* dos ambientes de aprendizagem são aqueles alunos(as) e professores(as) que passam pelo ambiente. Alguns entram, circulando pelos espaços, outros apenas passam. Eles são passantes, nem visitantes, e nem habitantes. A origem da palavra transeunte vem do latim *transire*, passar além, passar de um lugar para outro, sem parar, é alguém de passagem. Os transeuntes passam pelo ambiente em um ou mais momentos, às vezes param para observar, mas sem se deter em nenhum espaço em especial, sem se responsabilizar, sem apreender para si o ambiente, sem colaborar ou cooperar. Se notada a presença deles, eles se relacionam alheios ao grupo e ao ambiente, pois são apenas passantes, nem visitantes e nem habitantes do lugar. São parecidos com os “zapeadores”, aqueles que praticam o zapping com a televisão, internet, trocando de espaços, sem uma intenção em específico, sem saber para onde ir.

Os habitantes, alunos(as) e professores(as), são aqueles que constituem uma comunidade de aprendizagem. Uma pessoa só começa a fazer parte de uma comunidade, habitar um ambiente, inclusive o virtual, se ela sentir necessidade, se ela não encontrar em outro lugar o que a comunidade oferece. Nesse sentido,

[...] os educadores devem saber que o modo como o meio eletrônico é utilizado depende em grande parte das necessidades humanas, isto é, tanto dos professores quanto dos alunos, e que essas necessidades são a razão primeira por que se formam as comunidades educacionais eletrônicas. (PALLOF; PRATT, 2002, p.47)

Portanto, é importante criar-se a necessidade, os motivos que tornam importante e que mobilizam os alunos a participarem de um ambiente virtual de aprendizagem, para com o professor ou professora, constituírem uma comunidade. Um destes motivos é a comunicação, o educador precisa atentar para a maneira de questionar, de mobilizar o grupo, sem dar muitas respostas, deixando o caminho aberto ao diálogo, o convite para participar.

Em um mundo e uma instituição educacional que se organiza por ações de transmitir, difundir, distribuir, a formação de comunidades de aprendizagem se torna algo novo, e em se tratando de comunidades virtuais de aprendizagem, com

o uso de tecnologias, a resistência tende a aumentar. A formação de comunidades virtuais está pautada em um processo que privilegia a comunicação, a colaboração, e a partilha. Daí a dificuldade em iniciar este processo em muitas instituições educacionais. Talvez a proposta de uma Educação a Distância, que favoreça a formação de comunidades virtuais de aprendizagem, possa favorecer a ruptura de um paradigma centrado na distribuição, cópia, isolamento e reprodução, presente de forma tão insistente, em tantos espaços educacionais e propostas de educação a distância.

## **2 - Comunicação e Educação a Distância**

Ao discutir o uso de ambientes virtuais de aprendizagem é preciso detalhar os processos de comunicação nesses ambientes. Com o surgimento das tecnologias de informação e comunicação, a Educação a Distância (EaD) pôde minimizar o seu maior problema: a distância física entre educador e educando. Em ambientes virtuais podemos falar em comunicação síncrona e assíncrona, on-line e off-line. Sendo síncrona, a comunicação acontece em tempo real (todos juntos em um mesmo horário), e a comunicação assíncrona é a que possibilita a educação em tempo diferido (todos juntos, mas os horários podem ser diferentes).

A comunicação em ambientes virtuais envolve principalmente um diálogo escrito, às vezes acompanhado por imagens e áudios. Sendo um espaço coletivo, todos os participantes tendem a ser autores do texto escrito que é coletivo criado, que corresponde a uma construção consciente de “uma unidade textual inserida em uma temporalidade vivida como um tempo real, não obstante certas descontinuidades reais” (PERAYA, 2002, p.48).

A comunicação em ambiente virtual precisa ter um “ar” de surpresa, de indeterminação, de convite, de provisoriedade, a depender de como a comunidade que a desenvolve se propõe a organizá-la. Neste sentido, para educar a distância o charme da comunicação deve ser explorado, seja em seus materiais impressos, seja nos ambientes virtuais de discussão e produção.

O charme da comunicação não é o que comunica frontalmente, mas o que faz pela metade, insinua, provoca, deixa em suspense. O que se comunica frontalmente implica petição de obediência em sua linearidade canhestra, enquanto o que se comunica pela insinuação provoca o sujeito que colabora e reinterpreta a seu modo. (DEMO, 2002, p.128)

Neste sentido fica evidente que, em uma comunicação em ambientes virtuais, a interação não está na máquina como tal, mas no sujeito que se comunica ao usá-la. O computador por si só não é interativo, não comunica, mas é um recurso que possibilita a comunicação entre os habitantes dos espaços virtuais.

Em uma comunicação em ambientes virtuais, a escuta e os momentos de silêncio por parte do educador são essenciais. É na escuta, após lançar desafios aos alunos, que ele percebe os diferentes movimentos, o emergir de idéias, de sujeitos antes imersos em meio à massa de 45 a 50 alunos de uma sala de aula, o

surgir de vozes, de argumentos, de colaborações, da cooperação. “A escuta inverte o movimento midiático. Recupera o murmúrio do coletivo, em vez de dar a palavra aos representantes” (LÉVY, 1999, p.70).

Essa escuta vigiada, este movimento de quem acompanha e reflete para apreender a ação comunicativa, nem sempre é possível nos momentos presenciais, sendo um dos diferenciais da EaD em relação a eles: no espaço virtual o educador pode “escutar/ler” cada educando, respeitando diferentes ritmos, tempos e processos de aprendizagem. Neste sentido, a ação que as instituições educacionais precisam privilegiar é a comunicação da emersão, em ambientes que favoreçam a ação comunicativa. Uma ação definida com liberdade e pluralidade de fala, de expressão, na qual todos têm iguais chances de fala, de questionamento das pretensões de validade em um debate; um espaço em que todos podem expressar seus posicionamentos, suas atitudes, suas idéias e sentimentos, sem coerções ou restrições.

Hablo de acciones comunicativas cuando las interacciones sociales no quedan coordinadas a través de cálculos egocéntricos del propio éxito por parte de cada actor individual, considerado aisladamente, sino mediante operaciones cooperativas de interpretación de los participantes. En la acción comunicativa los actores no se orientan primariamente por su propio éxito, sino por la producción de un acuerdo que es condición para que cada participante en la interacción pueda perseguir sus propios planes de acción.[...] Un acuerdo alcanzado comunicativamente se funda en el reconocimiento intersubjetivo, siquiera implícito, de pretensiones de validez susceptibles de crítica. El acuerdo no puede ser impuesto por una de las partes. (HABERMAS, 1997, p.454)

Na ação comunicativa proposta por Habermas (1997), a interatividade não é regulada através de um consenso normativo considerado a priori, mas através de operações falíveis de entendimento dos participantes. Nesse sentido, a argumentação é uma “ação comunicativa” em que o ator critica ou apresenta razões, com o objetivo de aceitar ou rejeitar afirmações, necessitando de um ambiente em que todos estejam dispostos a agir comunicativamente. Este ambiente, segundo Habermas, é um ambiente em que as interpretações dos atores e dos correspondentes atos comunicativos têm apenas a função de um mecanismo de coordenação de uma ação em busca de um consenso.

A uma ação em que surgem alternativas concorrentes, determinadas pela intenção de influenciar as decisões de outra, de modo racional com relação a um fim, ou seja, que se orientam somente para o próprio sucesso de um dos envolvidos, chamado por Habermas (1990) de um agir estratégico e não comunicativo. A ação comunicativa se baseia em um processo cooperativo de interpretação, em que os atores buscam um entendimento, um acordo, um consenso. É essa a ação que queremos privilegiar nos ambientes virtuais de aprendizagem.

O objetivo de se conseguir um entendimento é chegar a uma concordância que termine na mutualidade intersubjetiva de compreensão recíproca, no conhecimento partilhado, e não distribuído, na confiança mútua e na concordância entre os ouvintes. A concordância baseia-se no reconhecimento das

quatro pretensões de validade correspondentes: compreensibilidade, verdade, sinceridade e acerto. Para Habermas (1996), na cooperação social se unem dois tipos de interação: a interação entre sujeito e objeto, que é mediada pela ação instrumental e a interação entre sujeitos, mediada pela ação comunicativa.

Um caráter meramente informativo em uma ação modifica o caráter da coordenação na interação social, tornando-a meramente instrumental e impositiva. Nesse sentido, pode-se falar de ambientes virtuais e materiais impressos para EaD, em que o importante é disponibilizar material e não comunicar; é informar e não possibilitar a interatividade e a comunicação. Esses apenas favorecem um agir instrumental.

A emancipação não resulta do paradigma da produção, de um agir estratégico ou instrumental, mas do agir comunicativo, orientado no sentido do entendimento mútuo. Uma educação pautada no agir comunicativo, em processos de cooperação, que privilegiem a inteligibilidade, pois é ela que favorece a comunicação e a obtenção de entendimentos, possibilitará uma mudança nas instituições educacionais. A educação em ambientes de EaD, com uso de ambientes virtuais e outros materiais que legitimam o agir comunicativo, representam um caminho.

E neste processo de emancipação e de comunicação, o professor ou professora deve cuidar das condições que favoreçam o agir comunicativo, ensinando ao propiciar condições para que os alunos aprendam e comuniquem com liberdade, confrontando as suas certezas com as de outros. Ele tem o papel de intervir e orientar para a confrontação coletiva; propor a construção coletiva e a co-autoria; mobilizar para o diálogo no sentido da imersão, navegação, exploração e modificação; ser responsável por articular as diferentes ações educativas e a materialidade da ação comunicativa, favorecendo a construção do conhecimento, a aprendizagem.

Portanto, o que se busca é uma EaD que promova a ação comunicativa, a aprendizagem, a interação, imbuída de uma concepção que contemple “complexidade, multiplicidade, não-linearidade, bidirecionalidade, potencialidade, permutabilidade (combinatória), imprevisibilidade etc.” (SILVA, 2000, p.105). Uma educação que, ao usar as TICs, possibilite aos educandos e educadores a liberdade de comunicar, participar, intervir e criar, individual e coletivamente.

### **3 – Considerações Finais**

O que foi apresentado neste artigo são atitudes e ações que podem contribuir com uma estética de EaD que contemple o uso articulado de algumas tecnologias da informação e comunicação com a atitude dos sujeitos envolvidos no processo – professores e alunos -, considerando o diálogo, o inacabamento, a pergunta, a criticidade, a liberdade, a cooperação e a colaboração para configurar os movimentos de comunicação e aprendizagem.

O que pude perceber em diferentes estudos de comunidades e grupos de pessoas envolvidas em ambientes virtuais de aprendizagem é que os elementos essenciais para a constituição de verdadeiras comunidades de aprendizagem são: as atitudes do educador ou educadora, identificadas como relevantes para

aprendizagens e reflexões em uma proposta de EaD; a atitude dos alunos e alunas frente ao processo de aprendizagens e comunicações no processo de EaD; e a contribuição da estética do material impresso e do ambiente virtual para a aprendizagem dos alunos em relação aos conteúdos discutidos. Esses elementos podem perpassar a estética de qualquer disciplina ou curso a ser ofertado em um sistema de EaD.

Mas que atitudes são estas? Que ações são estas? Que espaços são estes? Algumas atitudes, ações e espaços foram sinalizados ao fazer a análise com grupos de alunos, outros necessitam de novas pesquisas. Nestas buscas, é preciso apenas reconhecer-se como habitante, visitante ou transeunte, para então poder escolher o seu caminho e os seus parceiros. O desafio do educador e educadora está em conseguir habitar e articular, ao mesmo tempo, vários espaços e saberes, “ad-mirando” e apreendendo cada movimento do educando, aprendendo consigo mesmo, com o outro, com o meio e com as diferentes histórias, transformando e transformando-se continuamente, não de forma linear, mas hipertextual e complexa.

Há muito ainda por fazer, estudar, experienciar em EaD e uso de tecnologias, para favorecer a aprendizagem e comunicação de alunos e professores. O processo de aprendizagem dos sujeitos aprendentes precisa ser mais compreendido; as tecnologias devem ser mais exploradas; a educação precisa ser mais privilegiada... Em tempos em que se busca o desenvolvimento de computadores cada vez mais velozes e capacitados para armazenar dados, não podemos reduzir a ação de educar à repetição de conteúdos e procedimentos... Ao uso do ambiente virtual apenas para ações da secretaria acadêmica ou para disponibilização de materiais pelo professor e alunos.

## Referências

- DEMO, Pedro. **Complexidade e aprendizagem**: a dinâmica não linear do conhecimento. São Paulo: Atlas, 2002.
- FREIRE, Paulo. **Educação Como Prática da Liberdade**. 26 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- HABERMAS, J. **Teoría de la acción comunicativa**: complementos y estudios previos. Tradução de Manuel Jiménez Redondo. 3 ed. Madrid: Cátedra, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Para a reconstrução do materialismo histórico**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 2 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990. 247p.
- \_\_\_\_\_. **Racionalidade e comunicação**. Tradução de Pedro Bernardo. Lisboa: Edições 70, 1996. 221p.
- LÉVY, P. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 2ed. São Paulo: Ed. 34, 2000.
- \_\_\_\_\_. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. Tradução por Luiz Paulo Rouanet. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1999.
- PALLOF, R; PRATT, K. **Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço**: estratégias eficientes para salas de aula on-line. Tradução por Vinícios Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- PERAYA, D. O Ciberespaço: um dispositivo de comunicação e de formação mediatizada. In: ALAVA, Séraphin (org.). **Ciberespaço e formações abertas**:

rumo a novas práticas educacionais? Tradução por Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SCHERER, Suely. **Uma estética possível para a educação bimodal:** aprendizagem e comunicação em ambientes presenciais e virtuais. 2005. 240f. Tese (doutorado em Educação: currículo). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa.** Rio de Janeiro: Quartet, 2000.